



Michael W. Goheen
Craig G. Bartholomew

Introdução à cosmovisão cristã

vivendo na intersecção
entre a visão bíblica e a
contemporânea


VIDA NOVA

Se você não conseguiu manter-se a par de todos os livros sobre cosmovisão cristã que surgiram nos últimos anos, mãos à obra. Leia esse livro. Goheen e Bartholomew não somente usaram todos os outros livros sobre cosmovisão, mas também escreveram uma obra que sobressai. Iluminando nossa época com perspectiva histórica, profundidade bíblica e amplitude social, os autores mostram o que uma cosmovisão bíblica deve significar para nós hoje.

James W. Skillen, presidente do Center for Public Justice

Como o título indica, esse livro mostra que uma cosmovisão cristã não tem somente valor intelectual, mas é relevante para a vida como um todo. Com um texto claro e argumentos persuasivos, *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea* está arraigado na fé bíblica mas vai ao encontro do mundo contemporâneo para engajar-se de uma maneira historicamente fundamentada. É leitura indispensável para cristãos criteriosos que desejam praticar o evangelho e amar a Deus com todo o seu ser.

C. Stephen Evans, professor de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Baylor

Esse livro pretende trazer de volta a *vida* real aos estudos de cosmovisão. Com uma dinâmica missional, Bartholomew e Goheen apresentam uma visão reformada de cosmo-e-vida. A teologia bíblica e uma igreja evangelizadora permeiam totalmente a reflexão que fazem sobre seguir a Jesus em cada esfera da sociedade humana na cultura mundial confusa e deteriorante dos dias atuais. Os autores apresentam uma compreensão redentora para encarar a história ocidental, os negócios, a política, a arte e a espiritualidade, bem como o ressurgimento do islã, e o fazem de forma clara, apaixonada e prática. *Introdução à cosmovisão cristã* é uma obra fundamental, um desafio revigorante para todo aquele que deseja se tornar um discípulo maduro de Jesus Cristo.

Calvin Seerveld, professor emérito do Institute for Christian Studies

Saber de onde viemos é quase tão importante quanto saber para onde queremos ir. Goheen e Bartholomew identificam as raízes profundas de nossa cosmovisão ocidental contemporânea naquele tipo de análise acessível e muito abrangente que faz as pessoas exclamar: “Mas é claro! É exatamente assim que as coisas são — e por isso são assim!”. Além disso, eles fazem um ótimo trabalho na apresentação da cosmovisão bíblica como a narrativa que relata como as coisas realmente são em relação à vida, ao universo e tudo o mais. É assim que as coisas são — mas como Deus as vê. Essa combinação nos conduz de forma convincente a ver a dissonância entre as duas cosmovisões e a escolha categórica que os cristãos precisam fazer. Estamos vivendo

com base em qual narrativa? Qual estrada percorreremos ao sair da encruzilhada? Mas o livro está longe de ser só teoria. Ele fundamenta o desafio de viver a narrativa cristã em diversas áreas práticas e bem atuais da vida no mundo ao nosso redor. Esse é um livro cheio de percepções esclarecedoras, de alimento bíblico, de desafio prático e de esperança sólida. Ele transforma a missão de Deus em nossa missão no mundo e nos obriga a fazer algumas escolhas radicais.

Christopher J. H. Wright, diretor internacional de Langham Partnership International

Até que enfim um texto sobre cosmovisão que decididamente vai além de somente teoria. *Introdução à cosmovisão cristã* é profundo e prático, inteligente e calorosamente pastoral à medida que avança de uma compreensão abrangente da narrativa bíblica para um engajamento criterioso em questões do século 21. Movidos por seu profundo compromisso missional, Goheen e Bartholomew escrevem com clareza admirável. Eles nos convidam a um envolvimento autêntico e relevante com questões complexas, que incluem a globalização, a pós-modernidade, o consumismo e o ressurgimento do islã. *Introdução à cosmovisão cristã* o estimulará a abraçar tanto a tensão insuportável quanto as oportunidades sem precedentes para trazer esperança genuína a um mundo carente. É leitura obrigatória para todos os que almejam desenvolver uma cosmovisão moldada pela Palavra de Deus.

Rod Thompson, da Escola de Teologia do Laidlaw College

Sumário

<i>Prefácio à edição brasileira</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
1. Evangelho, narrativa, cosmovisão e a missão da igreja	23
2. O que é cosmovisão?.....	35
3. Uma cosmovisão bíblica: Criação e pecado	61
4. Uma cosmovisão bíblica: Restauração	89
5. A narrativa ocidental: As raízes da modernidade.....	111
6. A narrativa ocidental: O crescimento da modernidade.....	129
7. Que horas são? Quatro sinais de nosso tempo na narrativa ocidental.....	163
8. Vivendo na intersecção: Um testemunho fiel e relevante.....	191
9. Vida na intersecção: Perspectivas sobre algumas áreas da vida pública.....	215
<i>Posfácio pastoral</i>	253
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	261
<i>Índice de assuntos</i>	263

Prefácio à edição brasileira

Nas aulas que ministro em seminários teológicos e nas minhas palestras em conferências, tenho muitas vezes afirmado que um dos grandes desafios enfrentados por pastores, plantadores e líderes de igreja na atualidade é o fato de termos sido formados e capacitados para fazer a exegese bíblica, sem, no entanto, em momento algum nos ter sido dito quanto seria necessária a exegese cultural.

A ausência de capacitação para fazermos a exegese cultural do contexto em que nos encontramos, seja na realidade brasileira mais ampla, seja na realidade mais específica da nossa cidade ou região, faz com que tenhamos igrejas em que a pregação é rigorosamente bíblica, mas não responde às principais perguntas que os ouvintes têm em suas mentes.

A experiência de plantar uma igreja capaz de alcançar pessoas com um perfil altamente secularizado na cidade de Campinas, ao estabelecer um diálogo significativo com elas, demandou de mim grande esforço no trabalho de conhecer e compreender quem eram essas pessoas e, conseqüentemente, quais eram seus sonhos, anseios, preocupações, lutas, frustrações, referências e ídolos.

Foi exatamente isso que o apóstolo Paulo fez antes de seu clássico discurso no areópago de Atenas. O texto bíblico nos informa que ele andou pela cidade observando atentamente como as pessoas viviam e se relacionavam, e como expressavam sua religiosidade. Paralelamente a essa observação empírica, Paulo conhecia os textos de poetas e filósofos gregos, os quais lançavam luz em sua mente para compreender os valores e as crenças por trás do estilo de vida dos atenienses.

No entanto, sempre que trato do importante desafio de fazermos a exegese da cultura em que estamos inseridos, duas perguntas são recorrentes: “Como

podemos fazer isso?” e “Qual literatura você nos indica?”. Em muitas ocasiões, tive de responder a essas perguntas valendo-me de minha experiência como plantador de igrejas, mas ressentindo-me da falta de uma base mais teórica.

E é exatamente nessa lacuna de minha história que entra o livro que agora você tem em mãos. Ele responde de modo eficaz a essas duas perguntas comuns. De forma sistemática e relevante, Mike e Craig tratam da importante tarefa de compreender a cosmovisão de uma sociedade, bem como de perceber a que distância ela se encontra da verdadeira história, a história da redenção, que o Deus soberano e gracioso está conduzindo.

O texto não nos apresenta uma descrição da cosmovisão dos brasileiros, mas, sim, da cosmovisão que caracteriza o mundo ocidental, comumente visto pelos americanos como Europa e Estados Unidos da América. No entanto, vivendo em um mundo globalizado, no qual as ideias e os costumes são propagados em alta velocidade pela internet e por outros meios de comunicação, não podemos negar a influência dessa cosmovisão em nossa cultura, especialmente no contexto urbano.

Além do importante desafio de nos ajudar a compreender a cosmovisão dos homens e mulheres para os quais fomos enviados, Mike e Craig oferecem outro elemento de grande valia: a percepção de que o cristianismo não defende um conceito e sim uma história é altamente revolucionária em nossa forma de abordar pessoas e comunicar o evangelho.

Por isso, tenho convicção de que este livro será de grande importância para todos os plantadores, pastores e líderes que sonham com igrejas locais que sejam, ao mesmo tempo, profundamente comprometidas com a Palavra e a centralidade do evangelho (integridade) e altamente conectadas com a cultura na qual estão inseridas (relevância).

Pr. Ricardo Agreste
Diretor do CTPI

Prefácio

Nossas histórias

A vida consiste — ou deveria consistir — em conhecer a Deus profundamente. Este livro é resultado de nossa caminhada desde que Deus virou a nossa vida de cabeça para baixo, atraindo-nos para o seu Filho.

Michael cresceu em uma igreja batista. O evangelho que ali se pregava tratava de uma salvação individual, futura e extramundana. Tudo que importava era ir para o céu quando você morresse. Mesmo assim, aquela igreja era um lugar onde Deus estava operando por meio do evangelho; as pessoas amavam o Senhor e tinham uma fé viva. Michael sente gratidão por boa parte dessa tradição — por exemplo, pelo compromisso sério com a leitura das Escrituras, com a oração e com o evangelismo; pelo destaque dado à importância da santidade e moralidade na vida pessoal; e pela ênfase na relação pessoal que temos com Jesus. Estas continuam sendo questões importantes para todos os cristãos, e Michael é grato por ter recebido essa formação inicial. No entanto, sua igreja pouco tinha a dizer sobre a vida pública e mais abrangente da cultura ocidental — política, economia, produção acadêmica, formação escolar, trabalho, lazer, diversões e esportes.¹

Durante os anos em que estive no seminário, Michael começou a ver que o evangelho que Jesus pregava era um evangelho *do reino*. As boas-novas são

¹Essa última área foi importante para Michael durante seus anos de ensino médio. Leia a respeito de uma de suas tentativas de enfrentar essa área à luz do evangelho em “Delighting in God’s good gift of competition and sport”, in: Richard Edlin; Jill Ireland, orgs., *Engaging the culture: Christians at work in education* (Sydney: National Institute for Christian Education, 2006), p. 173-86.

muito mais amplas do que aquelas em que Michael tinha sido levado a acreditar: Deus está restaurando seu domínio sobre toda a vida humana em Jesus e pelo Espírito. Durante aqueles anos de seminário, a leitura adicional de textos que exploravam a cosmovisão cristã começou a revelar as implicações dessa percepção bíblica para uma abordagem cristã da vida pública da cultura. Foi emocionante, algo parecido com uma segunda conversão! O evangelho tinha algo a dizer sobre a vida humana como um todo.

Enquanto fazia o seu doutorado sobre a obra de Lesslie Newbigin, um dos maiores missiólogos do século 20, Michael viu sua convicção se aprofundar e se fortalecer. Tendo servido como missionário na Índia durante a maior parte da vida adulta, nos últimos anos de vida Newbigin se preocupou em fazer com que o evangelho influenciasse a vida pública da cultura ocidental. Ele partilhava muitas das convicções que Michael havia abraçado durante seus anos de seminário. Mas Newbigin também tinha ênfases e críticas novas que foram importantes no desenvolvimento da cosmovisão de Michael,² que passou a conhecer Lesslie Newbigin muito bem, e sua influência o ajudou a ver a ligação integral entre missão e uma cosmovisão cristã.

Durante a maior parte das últimas duas décadas, Michael lecionou inúmeros cursos sobre cosmovisão para alunos de graduação e pós-graduação de vários contextos denominacionais em diversas partes do mundo. Mas, para Michael, a importância da cosmovisão para a vida foi além da sala de aula. Ela fez com que ele e sua esposa, Marnie, se debatessem com as implicações do evangelho para a formação escolar e assumissem a responsabilidade do ensino em casa de seus quatro filhos com a intenção de moldar a educação deles com o evangelho. Essa mudança afetou muitas áreas da vida, mas abriu as portas especialmente para as artes plásticas, a literatura e a música. Marnie partilhou e participou da mesma “conversão de cosmovisão” experimentada por Michael. A nova apreciação que ela passou a ter pelas artes como dom de Deus foi passada para a família. Os quatro filhos se tornaram um exímio quarteto de cordas e se dedicaram ao estudo de literatura, da música e de outras artes. Isso levou vários deles a realizar estudos acadêmicos até o nível de doutorado nas áreas de artes plásticas e música. A vida de Michael e Marnie ainda está repleta de

²Veja Michael W. Goheen, “Mission and the public life of Western culture: the Kuyperian tradition”, *The Gospel and Our Culture Network Newsletter (U.K.)* 26 (Autumn, 1999): 6-8. Newbigin é comparado aqui com a tradição kuyperiana, numa discussão sobre pontos em que é possível haver enriquecimento e retificações mútuos.

concertos musicais, agora em nível profissional, em que seus filhos tocam. Essa é apenas uma das maneiras como uma cosmovisão mais abrangente tem afetado Michael e sua família, mas mostra que a visão que temos sobre o evangelho tem consequências práticas.

Para Michael, a cosmovisão descortina o amplo alcance do evangelho e a missão da igreja de encarnar esse evangelho. Poucas coisas o entusiasma tanto quanto ajudar cristãos a ver o comprimento, a largura e a profundidade do amor de Deus por nós e por seu mundo.

Craig cresceu na África do Sul na época do *apartheid*, quando cada detalhe da vida sul-africana era determinado por questões raciais. Ele frequentou uma escola só para brancos, morou em um bairro só para brancos e desfrutou todas as “vantagens” de ser um sul-africano branco. Na adolescência, Craig experimentou uma conversão radical a Cristo por meio do grupo de jovens evangélicos da Igreja Anglicana (na qual mais tarde foi ordenado pastor). À semelhança da igreja batista de Michael, a igreja anglicana de Craig era evangelística e cheia de vida, mas nada tinha a dizer sobre o contexto social racista e opressor em que os membros viviam. Cristãos realmente comprometidos entravam no “ministério de tempo integral” (como pastores ou missionários); era melhor ficar longe da política, uma vez que, no final das contas (assim se argumentava com base em Rm 13.1-7), o governo havia sido nomeado por Deus!

Craig tem uma grande paixão por cavalos e, ao concluir o ensino médio, suas escolhas estavam entre se tornar um médico veterinário e estudar teologia. Ele foi para uma faculdade teológica na Cidade do Cabo, onde foi exposto à teologia reformada e ao pensamento cosmovisionário de Francis Schaeffer (ainda que esse pensamento nunca fosse explicitamente aplicado à situação sul-africana). Mais tarde Craig começou a refletir cuidadosamente sobre a obra de Schaeffer e percebeu que, se o evangelho é uma cosmovisão, então se aplica a todos os aspectos da vida, *incluindo* a política — uma descoberta perigosa para se fazer naquela época na África do Sul.

Enquanto trabalhava como pastor na África do Sul, Craig fez contato com cristãos africanos kuyperianos³ de Potchefstroom, e juntos desenvolveram a Christian Worldview Network [Rede de Cosmovisão Cristã], que promovia conferências anuais e publicou o *Manifesto on Christians in the Arts* [Manifesto

³Essa é uma referência à tradição calvinista holandesa que tem sua origem em Abraham Kuyper. Veja no cap. 2 a seção intitulada “A apropriação da cosmovisão pelo pensamento cristão”.

sobre os cristãos nas artes] e uma revista trimestral chamada *The Big Picture* [O quadro geral].⁴ Craig acredita que o que a África do Sul enfrentou naquela época e o fracasso geral de cristãos evangélicos em relacionar sua fé com as realidades da vida sul-africana têm muito a nos ensinar hoje sobre a importância crucial de entender o evangelho como uma cosmovisão. Por meio da Truth and Reconciliation Commission [Comissão da Verdade e Reconciliação], sabemos hoje que durante os anos do *apartheid* foram cometidas injustiças terríveis na África do Sul sob seu governo “cristão”. Como foi que cristãos evangélicos foram incapazes de ver o mal que estava bem diante deles? Como foi que os evangélicos em geral acabaram reforçando esse mal em vez de contestá-lo?⁵ Uma resposta importante é que eles careciam de uma cosmovisão cristã coerente. Como a história da África do Sul poderia ter sido diferente se os evangélicos dali tivessem unido sua “paixão pelas almas” com uma percepção do senhorio de Cristo sobre todos os aspectos da vida!

À medida que o pensamento de Craig sobre uma cosmovisão cristã ia se desenvolvendo, ele começou (sob a influência de seus amigos kuyperianos) a ver a importância da filosofia para a produção acadêmica cristã, o que o levou a Toronto para um ano de estudos filosóficos e, em seguida, ao Reino Unido, onde completou seu doutorado sobre o livro de Eclesiastes. No momento, as pesquisas de Craig tratam das maneiras com que o Evangelho como cosmovisão molda estudos bíblicos de nível universitário.

A cosmovisão cristã faz com que você se interesse por tudo. Craig adora ler romances e ouvir música; ele faz artesanato e vende joias, tem duas chinchilas como animais de estimação e gosta de lecionar filosofia e religião. Uma cosmovisão cristã também ajuda você a encontrar pessoas interessantes. Há vários anos Craig e Michael se encontraram no Canadá e, depois disso, novamente na Inglaterra e descobriram que ambos estavam comprometidos com a missão e a cosmovisão cristã. Como resultado dessa amizade surgiu, primeiro, *The drama of Scripture: finding our place in the biblical story* [O drama das Escrituras: como encontrar nosso lugar na história bíblica]⁶, e agora este livro.

⁴A Christian Worldview Network cessou suas atividades há algum tempo, mas grande parte de seu material publicado está disponível em <http://thebigpicture.homestead.com/>.

⁵Entre os evangélicos sul-africanos havia, é claro, algumas notáveis exceções, como Michael Cassidy, fundador de African Enterprise. No entanto, esses evangélicos eram a minoria.

⁶Baker Academic, 2004 [a ser publicado por Edições Vida Nova].

Lições que aprendemos

Nossas histórias ressaltam várias coisas que são importantes para aquilo que desejamos compartilhar com nossos leitores nos próximos capítulos. Em primeiro lugar, o cristianismo envolve um relacionamento pessoal com Deus por meio de Jesus. Nesse aspecto, continuamos gratos pela tradição pietista que moldou profundamente o evangelicalismo de língua inglesa em geral e nós dois em particular. Cremos que, infelizmente, essa tradição muitas vezes restringiu a verdadeira abrangência do evangelho, mas também cremos que ela enfatizou alguns aspectos da verdade bíblica que são da maior importância, como a necessidade de um relacionamento pessoal com Cristo, um conceito elevado da Bíblia como a Palavra de Deus e a importância do evangelismo.⁷

Em segundo lugar, o evangelho conforme registrado nas Escrituras é tão abrangente quanto a criação. Uma vez que a igreja foi enviada para tornar essa boa notícia conhecida — em ações e em palavras — em todos os aspectos da vida, a missão da igreja é do mesmo modo tão abrangente quanto a criação. Na verdade, nosso interesse mais profundo neste livro é dar expressão ao evangelho do reino e à missão cultural dada à igreja decorrente disso. Nossa esperança é que os leitores deste livro venham a se interessar em relacionar sua própria fé com cada parte da boa criação de Deus.

Herman Bavinck expressou de modo esclarecedor essas duas primeiras ênfases. Ele cita o conhecido pregador J. Christoph Blumhardt, que afirmou que uma pessoa “precisa se converter duas vezes: primeiro, da vida natural para a espiritual e, depois disso, da vida espiritual para a natural”. Bavinck crê que essa é uma verdade que é “confirmada pela experiência religiosa de cada cristão e pela história da devoção cristã em todas as épocas”.⁸ A primeira conversão é para Deus e se expressa no suspiro do salmista: “Quem mais eu tenho no céu, senão a ti? E na terra não desejo outra coisa além de ti” (Sl 73.25). Isso a tradição pietista compreende bem. Mas precisamos ser convertidos *novamente*, desta vez de volta para a amplitude de nosso chamado cultural neste mundo. O próprio Bavinck foi criado em um lar pietista e passou por essas “duas conversões”. Nossas experiências parecidas têm nos levado a ser gratos pelo nosso passado pietista e suas importantes ênfases bem como pelo nosso presente

⁷Veja Richard Mouw, *The smell of sawdust: what Evangelicals can learn from their fundamentalist heritage* (Grand Rapids: Zondervan, 2000).

⁸Herman Bavinck, *The philosophy of revelation* (1909; reimpr., Grand Rapids: Baker Academic, 1979), p. 242.

reformado com sua compreensão mais abrangente do evangelho. E estamos preocupados com o fato de que cada uma dessas tradições pode negligenciar as importantes ênfases da outra. Nosso objetivo ao escrever este livro foi que ele fosse moldado do início ao fim pela abrangência do evangelho.

Em terceiro lugar, apesar de toda sua bagagem filosófica e histórica, o termo *cosmovisão* continua a ser um conceito valioso mediante o qual é possível explorar a abrangência completa do evangelho. O termo tem, sim, seus perigos e limitações: ele mantém algumas das suas associações iniciais com a filosofia humanista e mais recentemente assumiu, em algumas tradições cristãs, nuances intelectualistas. Mas seu valor como uma ferramenta de pensamento cristão é real, e, desse modo, procuramos neste livro levar adiante a tradição consciente de cosmovisão de James Orr e Abraham Kuyper, cujo objetivo era simplesmente fazer com que a luz mais brilhante possível reluzia sobre a missão da igreja cristã na vida pública da cultura.

Em quarto lugar, o florescente estudo da missão pode enriquecer imensuravelmente os estudos de cosmovisão. Os que trabalham em missões transculturais têm se esforçado para entender o envolvimento do evangelho com a cultura em um nível aprofundado. Além do mais, eles têm enfrentado essa questão baseados na perspectiva bíblica sobre a melhor forma de encarnar e anunciar o evangelho, ou seja, movidos por uma preocupação missional. A literatura missiológica e em especial a rica literatura sobre a contextualização do evangelho em outras culturas permearão boa parte deste livro.

Em quinto lugar, estudos de cosmovisão precisam ser cada vez mais ecumênicos. Paulo afirma que a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo só podem ser conhecidos “junto com todo o povo de Deus” (Ef 3.18, NTLH). Aqui, para nós, o termo “junto” implica um diálogo com cristãos de outros lugares, de outras épocas e de outras tradições confessionais. Nós dois fomos moldados pela tradição kuyperiana, a qual com certeza tem assumido a liderança nos estudos de cosmovisão. Mas não somos participantes acrílicos dela e cremos firmemente que, sozinha, nenhuma tradição consegue adequadamente compreender ou expressar a plenitude do evangelho. Temos muito a aprender com nossos irmãos e irmãs de outras partes do mundo, de outros períodos da história e de outras denominações e tradições confessionais da igreja cristã. Nós dois temos ensinado o material deste livro em muitas partes do mundo e a pessoas de muitas tradições cristãs diferentes. Essas experiências proporcionaram grande enriquecimento e retificações, e esperamos que isso seja evidente neste livro.

Sobre este livro

Cosmovisão é um conceito que surgiu na tradição filosófica europeia e só tem valor à medida que nos permite compreender mais fielmente o evangelho que está no centro da história bíblica e viver mais plenamente nessa história. É por esse motivo que este estudo de cosmovisão cristã dá seguimento ao nosso livro anterior, *The drama of Scripture* [O drama das Escrituras]. Descobrimos em nosso ensino que um curso sobre cosmovisão é muito mais eficaz quando é ministrado logo após um curso sobre a narrativa da Bíblia: a cosmovisão vem depois das Escrituras de modo a aprofundar nosso compromisso de viver na história bíblica.

Existe outra importante razão para enfatizar que *Introdução à cosmovisão cristã* dá seguimento a *The drama of Scripture*. Muitas abordagens evangélicas tradicionais de cosmovisão a entendem em termos intelectualistas, ou seja, encaram a cosmovisão como um sistema meramente racional. Cremos que a cosmovisão deve ter forma narrativa — uma forma *historiada* —, visto que essa é a forma da própria Bíblia. Com frequência temos oportunidade de citar a observação de N. T. Wright de que uma história é simplesmente “a melhor maneira de falar sobre *a maneira como o mundo realmente é*”.⁹

Este livro destina-se a ser (somente) uma introdução à cosmovisão. Reconhecemos o perigo de simplificar e resumir grande quantidade de material sobre algumas questões teológicas, filosóficas e históricas bastante complexas. Algo que é para ser simples pode facilmente se tornar simplista, mas não precisa ser assim. Acreditamos que este tipo de livro é necessário para empolgar estudantes de graduação e membros de igreja com a abrangência do evangelho e a amplitude de suas próprias vocações. Se você tiver um vislumbre das possibilidades aqui, poderá se aprofundar no assunto mais tarde.

Quando escrevemos *The drama of Scripture*, desenvolvemos uma página na internet que fornece *slides*, artigos e muitos recursos adicionais para estudar a Bíblia como uma história única e coerente (<http://www.biblicaltheology.ca>). O retorno que temos recebido sobre a página sugere que muitos de nossos leitores a consideraram útil. Por isso, estamos oferecendo uma página semelhante para *Introdução à cosmovisão cristã* (<http://www.christian-worldview.ca>). Ela também oferece acesso a *slides* para serem usados no ensino, artigos adicionais e muito mais para ajudar a estimular a análise da cosmovisão cristã em geral.

⁹N. T. Wright, *The New Testament and the people of God*, Christian Origins and the Question of God (London: SPCK, 1992), vol. 1, p. 40 (grifo deste autor).

A cosmovisão está relacionada com as crenças religiosas mais básicas, abrangentes e fundamentais que temos acerca do mundo tal como estão incorporadas em uma narrativa. Isso significa que os cristãos vão elaborar e compreender essas crenças que decorrem das Escrituras. Mas essas crenças não podem ser separadas de um contexto cultural, pois o evangelho é sempre expresso e corporificado em alguma cultura humana. Portanto, no estudo de cosmovisão, precisamos também nos esforçar para entender as crenças fundamentais da cultura ao redor dentro da qual cada comunidade cristã vive. A relação da fé cristã com a outra “fé” cultural que a rodeia precisa ser explorada. Essa é uma empreitada bem complexa e altamente perigosa. Como mostram estudos de contextualização em missiologia, há sempre o perigo de permitir que o evangelho faça concessões e se acomode à idolatria de qualquer cultura em particular. Estudos de cosmovisão precisam, portanto, lidar com os ensinamentos fundamentais da Bíblia e os da cultura ao redor, e com a interação complexa dos dois sistemas de crença.

Isso abre um vasto campo de investigação para estudiosos cristãos, e muitos bons livros sobre cosmovisão abordam várias divisões do tema. No entanto, somente a obra *The transforming vision: shaping a Christian world view* [A visão transformadora: moldando uma cosmovisão cristã], de Brian Walsh e Richard Middleton, realmente mostrou a potencialidade da abrangência dos estudos de cosmovisão.¹⁰ Justamente por esse motivo, esse livro continua sendo, em nossa opinião, um dos melhores textos disponíveis sobre estudos de cosmovisão. No entanto, foi escrito há mais de 25 anos e, sendo assim, não trata de nossa complexa situação atual, moldada pela globalização, pós-modernidade e consumismo. Além disso, embora a maneira de Walsh e Middleton relacionarem o evangelho com a cultura seja, em nossa opinião, correta, eles não exploraram plenamente a dinâmica da contextualização. O nosso livro segue o de Walsh e Middleton na demonstração de que a cosmovisão é uma disciplina de amplo

¹⁰Também podemos mencionar “An introduction to a Christian worldview” (Open Christian College, 1986), um trabalho não publicado escrito por uma equipe de autores do Reino Unido liderada por Jonathan Chaplin. Essa obra se baseou em Brian Walsh e Richard Middleton, *The transforming vision: shaping a Christian world view* (Downers Grove: InterVarsity, 1984) [edição em português: *A visão transformadora: moldando uma cosmovisão cristã*, tradução de Valdeci Santos (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)], e também em Albert Wolters, *Creation regained: biblical basics for a reformational world view* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985) [edição em português: *A criação restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada*, tradução de Denise Pereira Ribeiro Meister (São Paulo: Cultura Cristã, 2006)], para ministrar um curso à distância. A estrutura do curso seguiu Walsh e Middleton e, por isso, também abordou a cosmovisão de uma forma abrangente.

alcance que traz em si muitos campos menores de investigação. Nós tratamos de uma cosmovisão bíblica, uma cosmovisão cultural e uma cosmovisão em ação. Mas entre a cosmovisão cultural e uma cosmovisão em ação, refletimos sobre a maneira como o evangelho pode ser vibrante de uma forma fiel dentro de um contexto cultural, isto é, procuramos explorar a relação dinâmica entre evangelho e cultura.

Iniciamos com o evangelho do reino e o chamado da igreja para tornar conhecidas essas boas-novas. No capítulo 2, identificamos a origem da palavra *cosmovisão* e de que modo a comunidade cristã, em especial a igreja evangélica na América do Norte, veio a se apropriar dela. Nos capítulos 3 e 4, retornamos à questão de como esse conceito de cosmovisão pode ajudar a equipar a igreja para a sua missão abrangente hoje e, para isso, formularemos aquilo que acreditamos ser uma cosmovisão bíblica fiel: um resumo das crenças mais fundamentais e abrangentes sobre o mundo que são transmitidas pela história bíblica. Os três capítulos seguintes descrevem a cosmovisão dominante da cultura ocidental moderna: os capítulos 5 e 6 contam resumidamente a história ocidental, desde suas origens na cultura grega até o presente; o capítulo 7 pergunta “Que horas são?” em nossa cultura — quais são as crenças e forças que estão moldando nossa cultura? No capítulo 8, passamos a refletir sobre como a igreja deve viver na intersecção dessas duas visões conflitantes e incompatíveis. Como podemos viver em duas histórias e ainda assim nos manter fiéis à única história verdadeira, que está formulada na narrativa bíblica? O que está envolvido em um embate missionário entre o evangelho e a cultura ocidental? E, finalmente, o capítulo 9 apresenta ideias resumidas de como tal embate poderia se dar em seis áreas da vida pública: política, negócios, artes, esportes, produção acadêmica e educação.

Agradecimentos

Reconhecemos que somos profundamente devedores a muitas pessoas, vivas e já falecidas, que moldaram a nossa compreensão de cosmovisão. Mencionamos em especial Al Wolters, Brian Walsh, Richard Middleton, Gideon Strauss, Elaine Botha, Bob Goudzwaard, Jonathan Chaplin, Herman Ridderbos, N. T. Wright, Lesslie Newbigin, Francis Schaeffer, James Sire, David Naugle e John Newby. Jim Kinney e sua excelente equipe da editora Baker Academic ajudaram muito a conceber este livro e torná-lo realidade. Somos mais uma vez profundamente devedores a Douglas Loney, professor de Inglês e diretor da Foundations Division da Redeemer University College. Assim como aconteceu

com *The drama of Scripture*, Doug ajudou a proporcionar um estilo literário dinâmico. Ele fez mais do que simplesmente editar este livro e ajudar a harmonizar dois estilos de redação. Doug se envolveu nos tópicos em pauta, contribuiu para expressar as coisas com maior clareza e propiciou ajuda inestimável não somente no estilo mas também no conteúdo.

Temos o prazer de dedicar este livro a Pieter e Fran Vanderpol, e a John e Jenny Hultink. Esses casais se tornaram nossos amigos queridos e têm demonstrado seu compromisso com o trabalho acadêmico cristão de formas concretas e sacrificiais, em especial custeando as cátedras que ocupamos. Sem o apoio financeiro deles, este livro não teria sido possível.

1

Evangelho, narrativa, cosmovisão e a missão da igreja

Iniciando com o evangelho do Reino

Como seguidores de Jesus, nosso pensamento sobre cosmovisão precisa iniciar com o evangelho, as boas-novas anunciadas pela primeira vez por Jesus dois mil anos atrás, quando ele pisou no palco da história mundial: “O reino de Deus chegou!”.¹

Jesus falava a língua dos judeus de sua época, pois compreendiam bem a repercussão daquela palavra *reino*. Havia muito tempo os judeus aguardavam a intervenção de Deus na história. Eles esperavam que Deus voltasse a agir com amor, com ira e com poder, que enviasse o seu Messias e restaurasse o seu reinado sobre o mundo inteiro. E, enfim, Jesus realmente veio, reivindicando o título régio para si: *ele* é o ungido de Deus, o Messias. Jesus declara que o Espírito de Deus está sobre ele para levar os propósitos de Deus para o mundo inteiro à sua grandiosa e temível consumação. O Rei divino da Criação está voltando para retomar o seu reino!

Esse anúncio de boas-novas é o momento culminante de uma longa narrativa histórica (contada no Antigo Testamento) da obra redentora de Deus, que remonta à promessa de Deus a Adão e Eva. Deus havia escolhido os israelitas para serem um canal de sua bênção redentora para as nações, mas eles fracassaram. No entanto, no meio de seu fracasso, profetas surgiram prometendo

¹A base bíblica para esta seção é explorada com detalhes em Craig G. Bartholomew; Michael W. Goheen, “Act 4: the coming of the King: redemption accomplished”, in: *The drama of Scripture: finding our place in the biblical story* (Grand Rapids: Baker Academic, 2004), p. 129-70.

que Deus não permitiria que seu plano malograsse; ele tornaria a agir em um rei prometido e por meio dele para renovar o mundo todo. Jesus anuncia que aquele dia chegou: o poder de Deus para renovar toda a criação por meio de seu Espírito está agora presente em Jesus. Esse poder libertador é exibido na vida e obra de Jesus e é explicado por suas palavras. Mas é na cruz que o triunfo do reino de Deus é concretizado. Ali ele combate o poder do mal e conquista a vitória decisiva. Sua ressurreição é o alvorecer do primeiro dia da nova criação. Vivo dentre os mortos, ele surge como o primogênito na vida vindoura. Antes de subir até Deus Pai, ele encarrega seus poucos seguidores de dar continuidade à sua missão de tornar conhecidas as boas-novas do reino até que ele volte. Depois disso, ocupa seu lugar à direita de Deus para reinar com poder sobre toda a criação. Ele derrama seu Espírito e pelo Espírito torna conhecido seu governo restaurador e abrangente em seu povo e por meio dele, à medida que este encarna e proclama as boas-novas.

Um dia Jesus voltará e todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é Criador, Redentor e Senhor. O final da história universal que Jesus anunciou, revelou e realizou chegará finalmente em plenitude. Mas até aquele dia culminante, a igreja se ocupa com a obra do Espírito de tornar conhecidas — na vida, nas ações e nas palavras de seus membros — as boas-novas do que Deus fez em Jesus pelo mundo.

A Bíblia como a verdadeira narrativa do mundo

A proclamação do evangelho do reino não é um anúncio de uma nova experiência ou doutrina religiosa. Trata-se menos ainda de uma oferta de salvação futura em outro mundo espiritual. Esse evangelho é um anúncio sobre para onde Deus está conduzindo a história do mundo inteiro. Jesus emprega uma imagem conhecida do Antigo Testamento para deixar isso claro: um dia o mundo será o reino de Deus. As boas-novas que Jesus anuncia e vive, e que a igreja está encarregada de corporificar e tornar conhecida, é o evangelho do reino. Cometemos um sério erro se ignorarmos isso, a ideia central da proclamação e ministério de Jesus.

Jesus afirma que o estabelecimento do reino de Deus é o objetivo último da história do mundo. Não se trata de um relato local apenas do interesse de determinado grupo étnico ou religioso. Jesus se introduz em uma longa narrativa da obra redentora de Deus na história, a qual vinha se desenrolando ao longo de milhares de anos no Antigo Testamento; ele se introduz em uma comunidade que vinha aguardando ansiosamente o apogeu daquela narrativa. Os judeus criam

que o Deus a quem serviam era o Deus único e exclusivo, o Criador de todas as coisas, o Regente da história, o Redentor de todas as coisas. Depois da entrada do pecado e do mal no mundo, Deus se pôs a restaurar seu mundo e seus súditos humanos para viverem de novo debaixo de seu governo gracioso. Esse Deus não era o Deus dos judeus somente; era o Rei de toda a terra. A nação judaica tinha sido escolhida para ser o canal de sua obra redentora ao mundo inteiro. Todos os judeus criam que essa narrativa estava caminhando para o grande clímax, quando Deus agiria de forma decisiva e definitiva para terminar aquilo para o qual vinha trabalhando na história deles: a concretização da salvação para todas as nações, para toda a criação. Eles discordavam sobre como, quando e por meio de quem isso aconteceria. Discordavam sobre o que eles próprios deviam estar fazendo enquanto esperavam Deus agir. Mas todos criam que a narrativa dos atos redentores de Deus caminhava para um clímax que teria consequências para todas as pessoas.

Quando Jesus veio, anunciou que ele próprio era o objetivo dessa narrativa redentora, o clímax da impressionante atividade de Deus. Tal afirmação causou surpresa total. Jesus não era somente mais um rabino oferecendo alguns novos ensinamentos religiosos ou éticos mediante os quais alguém poderia enriquecer a própria vida. Ele afirmou que em sua pessoa e obra o sentido da história e do próprio mundo estava se tornando conhecido e se completando. Ele advertiu que *todas* as pessoas precisam encontrar seu lugar e significado na narrativa dele e em nenhuma outra.

Por isso, quando falamos da Bíblia como narrativa, estamos fazendo uma declaração normativa sobre a narrativa contada na Bíblia: é verdade pública. É uma declaração de que essa é a maneira como Deus criou o mundo; a narrativa da Bíblia nos conta como o mundo realmente é. Assim, a narrativa bíblica não deve ser entendida somente como um relato local sobre o povo judeu. A narrativa inicia com a criação de todas as coisas e termina com a restauração de todas as coisas. Entre esses extremos ela oferece uma interpretação do significado da história cósmica. Christopher Wright coloca a questão da seguinte maneira: “O Antigo Testamento conta a sua história como a história ou, antes, como parte da história suprema e universal que, em última análise, abarcará toda a criação, todo o tempo e toda a humanidade. Em outras palavras, a leitura desses textos nos convida a vislumbrar uma metanarrativa, uma narrativa grandiosa”.²

²Christopher J. H. Wright, *The mission of God: unlocking the Bible's grand narrative* (Downers Grove: InterVarsity, 2006), p. 54-5 [edição em português: *A missão de Deus: desvendando a grande narrativa da Bíblia*, tradução de Daniel Hubert Kroker; Thomas de Lima (São Paulo: Vida Nova, 2014)].

Introdução à cosmovisão cristã analisa como os cristãos podem viver de modo fiel na intersecção entre as Escrituras e a cultura contemporânea. A obra apresenta um breve resumo da narrativa bíblica e das crenças mais fundamentais das Escrituras, seguidos de uma apresentação da narrativa da cultura ocidental desde o período clássico até a pós-modernidade.

Michael Goheen e Craig Bartholomew também analisam como os cristãos vivenciam a tensão que existe na intersecção das narrativas bíblica e cultural e procuram esmiuçar as implicações para áreas importantes da vida, como educação, mundo acadêmico, economia, política e igreja.

O resultado é um livro que leva a uma reflexão acessível, sem deixar de ser profundo, alicerçado sobre a rica tradição do pensamento reformado e contextualizando-o para um cenário pós-moderno.

Esse é um livro cheio de percepções esclarecedoras, de alimento bíblico, de desafios práticos e de esperança sólida. Ele transforma a missão de Deus em nossa missão no mundo e nos obriga a fazer algumas escolhas radicais.

Christopher J. H. Wright, diretor internacional da Langham Partnership International

O conceito de “cosmovisão cristã”, e mais ainda o de “cosmovisão bíblica”, tem sido evocado mais vezes do que definido de modo proveitoso. Nesse livro revigorante, baseado em pesquisas confiáveis e que serve de sequência mais prática do *The drama of Scripture*, Goheen e Bartholomew uma vez mais demonstram incrível eficácia em elaborar uma compreensão acessível da identidade cristã no Ocidente, alicerçada nas Escrituras e moldada de modo notável pela tradição intelectual reformada em seu contexto ecumênico.

David Lyle Jeffrey, autor de *Houses of the interpreter: reading Scripture, reading culture*



Apoio ministerial:



ISBN 978-85-275-0683-0

